

Quem se importa, depois da “nova Terra” e das jornadas de junho

Lunde Braghini Junior¹

Casualmente, sei dizer com precisão que, na manhã de 2 de março de 2013, tomei contato pela primeira vez com Quem Se Importa, em uma atividade promovida pelo projeto de extensão Empreendedores Informais, do curso de Administração da Universidade Católica de Brasília (UCB), como sua contribuição para as atividades da Aula Magna de Cidadania sobre resíduos e reciclagem, programada à época do sucesso do filme *Lixo Extraordinário*.

Não me lembro do comentário que o filme dirigido por Mara Mourão despertou-me no calor da hora, chamado a debatê-lo. Mas seguramente procurei comprá-lo rápido e, em seguida, exibí-lo eu mesmo, integral ou parcialmente, em mais de uma aula de Comunicação, bem como em atividade do Banco Comunitário da Cidade Estrutural, gerido pelo Movimento de Educação e Cultura da Cidade Estrutural (Mece), parceiro da UCB em várias iniciativas de extensão universitária.

Esses dois parágrafos bastam para circunscrever *Quem Se Importa* em um determinado universo social que determina por que o filme circula, onde circula e quem tem interesse em fazê-lo circular. Projeto de extensão, universidade, cidadania, aula, filme, debate, comunidade, movimento social, educação e cultura são termos afinados a um tipo de esforço intelectual e social realizado na promoção do contato e da comunicação, mediados institucionalmente, entre pessoas que têm acesso a algum tipo de educação superior e pessoas que carecem de acesso a muitas outras coisas, inclusive educação formal mais básica.

¹ Jornalista e Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília, UnB. E-mail: lundebj@uol.com.br

Mais de um ano depois, ainda me motivo a falar e a escrever sobre *Quem Se Importa*. Penso inspirar mais, não menos, revê-lo agora, um ano após o impacto das chamadas “jornadas de junho”, nosso ensaio de “primavera árabe brasileira”, e da descoberta de Kepler-10c, planeta rochoso “gigante” em comparação com a Terra, fora do Sistema Solar, na direção da Constelação do Dragão, feito anunciado depois de também se falar na existência de água em estado líquido, condição de vida, em Kepler-186.

Fugir para plataformas artificiais (como em *Wall-E*, 2008), para outros planetas, habitáveis ou colonizáveis por intervenção humana (Planeta Vermelho, 2000), e até no tempo, rumo ao passado (como em *Terra Nova*, 2011), alimenta a ficção contemporânea e tem a ver com o pessimismo sobre a capacidade humana de lidar com a deterioração ambiental e social (pobreza) na Terra. Não se trata de um pessimismo cognitivo, mas volitivo e, sobretudo, moral: uma apatia, uma indiferença e uma falta de solidariedade para com as gerações futuras e presentes é que nos acomodaríamos à condição, em nada natural ou normal, de espectadores de um apocalipse ambiental e social.

Fenômeno potencializado pela oportunidade criada pela grande televisibilidade mundial da Copa das Confederações, as chamadas “jornadas de junho”, em 2013, assustaram muito, mas também alentaram bastante. A energia social e política que canalizaram para as ruas foi rapidamente compreendida – vide, por exemplo, o discurso imediato da presidenta Dilma – como um capital social importante, quase um “pré-sal social”, revelador de que pessoas ainda “se importam” com causas públicas e não meramente privadas.

Cerca de dez anos após maio de 1968, o cientista Albert Hirschman cogitou em *De consumidor a cidadão: atividade privada e participação na vida pública* sobre os motivos pelos quais as pessoas se preocupavam com temas públicos ou se dedicavam mais à vida privada. A hipótese de Hirschman acerca da existência de ciclos de comportamento social ora voltados para o público, ora para o privado, mais explícita no título original do livro – *Shifting Involvements* – que no da tradução brasileira, já tinha sido aventada em *Mudança: formação e solução de problemas*, de Paul Watzlawick, John Weakland e Richard Fisch, algum tempo antes de, no nascedouro do neoliberalismo, os yuppies sucederem os hippies como personagens da hora.

O efeito de assistir novamente a *Quem Se Importa* após as jornadas de junho e após o barulho em torno de Kepler

10-c – merecedor mesmo de um Retrato Capital na seção da revista *Carta Capital* – foi de me fazer compreender com bastante mais generosidade o filme desdenhosamente referido a mim como “propaganda da Ashoka”, organização com nome de príncipe hindu criada por Bill Drayton e destinada a identificar, apoiar e promover “empreendedores sociais”. É péssimo ouvir que algo é “propaganda”, mesmo que propaganda – não confundir com publicidade – talvez seja o mais político dos termos da comunicação.

O próprio jornalismo moderno nasceu como propaganda, como peça de agitação social, mas no século XX o uso da propaganda como arma do Estado (seja democrático-burguês, fascista ou stalinista) a desmoralizou fortemente. Sobreviveu, muito eficaz, uma tradição de propaganda – de matriz estadunidense – que não se assume como propaganda e que pode ser veiculada como “entretenimento”, uma coisa mais Frank Capra – inclusive realmente engajado no esforço de guerra, nos anos 1940 – que Leni Riefenstahl, a “cineasta de Hitler”, ou que Bertolt Brecht, inimigo feroz de Hitler e também do capital – e teorizador e praticante de um tipo de propaganda democrática e socialista que a Revolução Soviética (vide Maiacóvski) e a Revolução Cubana (vide Gutiérrez Alea e García-Espinosa) conheceram nos períodos instituintes.

Um dos elementos-chave da propaganda é a interpelação, categoria analisada por Louis Althusser, no ensaio célebre sobre os aparelhos ideológicos de Estado, e desenvolvida com muito brilho pelo sociólogo sueco Göran Therborn, em *The ideology of power and the power of ideology*. Em sua interpelação, *Quem Se Importa* se dirige a você, se dirige aos “da poltrona” (bordão do humorista Renato Aragão), cuja ignorância, indiferença e apatia são desafiadas ante a exposição de 18 projetos – selecionados de um arco maior, como se vê nos créditos – empreendidos em torno do mundo.

Vale muito ler, no *site* do filme – www.quemseimporta.com.br –, o que textualmente cada empreendedor social fala sobre os projetos, destinados a incentivar a coerência e a responsabilidade ambiental (Ania), a desenvolver a empatia entre as crianças por meio do contato com bebês ou a dirimir empaticamente as rivalidades por meio da exibição de filmes (*Roots of Empathy* e *Pangea Day*), a aumentar a autoestima e o enriquecimento espiritual por meio do interesse pela matemática (Jump), a combater o tráfico de animais, referido como terceiro negócio mais lucrativo

do mundo (Rentas), a formar humanizadores de ambientes hospitalares (Doutores da Alegria), a usar ratazanas para detectar minas terrestres e saliva de tuberculosos (Apopo), a criar redes sociais para integração e promover a independência de portadores de deficiência (Plan), a promover a informática para todos (CDI), a recuperar a água em áreas reputadas como perdidas pra sempre (Sobrevivência), a promover o crédito solidário (Banco Palmas e Grameen Bank), a combater a prática da tortura e da prisão injusta ou desnecessária (IBJ), a promover redes de *crowdfunding* (Kiva), a ser radical na promoção da saúde urbana (Saúde Criança) ou de ribeirinhos (Saúde e Alegria), a criar rede de banheiros químicos como fonte de renda alternativa (DMT Mobile Toilets), a identificar e ajudar o desenvolvimento dos projetos dos empreendedores sociais (Ashoka).

Não necessariamente mal instalados em um mundo mal instalado para a maioria, situação à qual não são, contudo, indiferentes, os chamados “empreendedores sociais” são pessoas que um dia descobriram “ter” uma ideia socialmente relevante e projetaram o sentido de sua vida na realização dessa ideia. Talvez nunca se convertam em “empreendedores políticos” propriamente, embora estes também já surjam, como anunciaram as jornadas de junho de 2013, coetâneas de um tempo em que a situação está madura para que as ideias voltem a ser “perigosas”, no bom sentido dos revolucionários e também de alguns reformadores radicais.

Reforma e revolução são termos que têm a ver com temas do debate europeu de esquerda no fim do século XIX em torno de como se poderia construir um mundo moderno para “todos, mesmo”, sem necessariamente derramar sangue no conflito entre capital (patrono do empreendedorismo) e trabalho (patrono do social). Resumido a um grande debate em torno de meios e fins, que daria a régua e o compasso para a Revolução Soviética e posteriores ao longo do século XX, cujo ocaso é marcado por mudança mesmo na conversa sobre tática e estratégia, que foi sendo modificada, alterada, substituída por outros termos, problemas e perspectivas. Em termos mais afinados a pensadores foucaultianos, em *Quem Se Importa* já não se trataria tanto de política quanto de biopolítica, e já não se trataria mais de lutas, mas de biolutas.

Biopolítica e biolutas são categorias sempre presentes em escritos de Giuseppe Cocco, um dos pensadores do chamado capitalismo cognitivo, cujos autores tiveram o mérito de resgatar a importância de Gabriel Tarde para a

compreensão da comunicação. Talvez não seja exagero chamar de premonitório o artigo “Não existe alegria no Brasil Maior”, publicado por Cocco em maio de 2013, na edição brasileira do *Le Monde Diplomatique*, antes das jornadas de junho, que “desafinaram o coro dos contentes”.

Sobre a alegria, é interessante resgatar passagem do filme de Mara Mourão, quando Eugênio Scannavino, do projeto Saúde e Alegria, enfatiza a sabedoria presente na definição dada por uma ribeirinha acerca do nome do seu empreendimento social: “A alegria é a saúde da alma e a saúde é a alegria do corpo”. Derivada da leitura neoplatônica do cristianismo, como ensina o filósofo Maximino Basso, a cisão entre corpo e alma – evocada pela “pensadora informal” ao definir saúde e alegria – tem a ver com a organização do mundo contemporâneo, calcada na divisão e remuneração desigual do trabalho intelectual e do trabalho manual em organizações onde os trabalhadores padecem de corpo e alma.

Proponente pioneiro de uma nova ciência das organizações, o sociólogo negro brasileiro Alberto Guerreiro Ramos retratou o “alegre detentor de emprego” como uma “vítima patológica da sociedade de mercado”, em sua obra derradeira, produzida nos Estados Unidos, cujo subtítulo era “Por uma nova riqueza das nações”. Mas devemos lembrar quanto padeceram, nos anos 1980, os “sem emprego”, que ganharam as ruas como “trabalhadores informais” e protagonizaram quebra-quebras de que restam imagens no filme *A marvada carne* (1985), de André Klotzel. Sua tragédia era a de não ser explorados (empregados), numa tirada de Benício Viero Schmidt, sociólogo que propôs, sem sucesso, a inclusão de Guerreiro Ramos na Coleção Grandes Cientistas Sociais, dirigida por Florestan Fernandes.

Disputados à esquerda (interessada em seu potencial de oposição política em função da luta pela sobrevivência) e à direita (atenta ao lado mercantil de suas estratégias de sobrevivência), a identificação posterior dos “sem emprego” como empreendedores, pessoas da livre iniciativa, quase empresários, foi uma grande vitória ideológica da direita, segundo me parece ter indicado com acerto Agustín Cueva, quando abordou, em *Las democracias restringidas de América Latina* (1988), a perspectiva do peruano Hernando de Soto sobre a economia que chamamos informal.

“Sem emprego” tradicional, mas educados e conectados, os que se importam em *Quem Se Importa* certamente ganham com a divulgação de seu trabalho feita pelo filme um prestígio que não se compra por dinheiro nenhum –

mas que talvez o atraia em profusão. E que venha mesmo, para remunerar o monge budista belga que usa ratazanas para detectar minas de primeiro mundo e tuberculosos de terceiro na Tanzânia, apenas cheirando sua saliva; ou o peruano Joaquín Leguía, que desenvolve o conceito de população ambientalmente ativa, decalcado do de população economicamente ativa, e argumenta às crianças que uma autoestima saudável não tem a ver com aparência ou posição social, mas com capacidade de gerar bem-estar para outros; sem falar na abnegação de Vera Cordeiro, médica que se atentou para o fato básico – depois de o aprendermos com ela – de que os problemas dos pobres se agravavam quando tinham alta hospitalar, pois não tinham como arcar com as despesas do tratamento de saúde em casa.

Escolado pela melhor propaganda do movimento negro brasileiro, que também porfia por um outro mundo possível para a África e os países da diáspora africana, não deixo de observar os rostos que nos interpelam em *Quem Se Importa*, lançando em especial sobre os brasileiros do filme o mesmo olhar com que aprendemos, desde pequenos, a hierarquizar as pessoas em função da tonalidade da pele, da textura do cabelo, do formato do nariz, da grossura dos lábios, de acordo com sua maior ou menor proximidade com um fenótipo branco idealizado. E constatar tão eurodescendentes como o meu os sobrenomes dos empreendedores sociais brasileiros – Baggio, Giovanini, Scannavino, Nogueira, Cordeiro, Melo (e mesmo o Mourão da cineasta) – também me faz pensar que é importante assinalar mais outros aspectos comuns entre eles além da condição de “se importar”.

Para isso, mais que em Hirschman, Watzlawick ou mesmo Bill Drayton – que tem visão bem esclarecedora sobre como alguém se torna empreendedor social –, talvez seja nos escritos de Antonio Candido sobre a “tradição radical” e os “radicais de ocasião” – nos quais aborda Joaquim Nabuco, Sergio Buarque de Holanda e João do Rio – que a gente encontre um molde para entender, senão a linhagem específica dos empreendedores sociais brasileiros, pelo menos algo sobre o chão que pisam e que explica com o que se importam e com quem se importam os que se importam no Brasil.

De menos altitude que a categoria do engajamento – segundo o qual as pessoas devem “se importar”, “devem” se engajar –, a radicalidade de ocasião indicaria uma modalidade de participação eventual que, se comparada à ideia de “trair sua própria classe”, parece muito menor, algo como “trair sua própria classe, mas só uma vez”. Uma hipótese é que a existência do “radical de ocasião”, que aponta para a dificuldade de ser radical no país, tem a ver diretamente

com a dificuldade de lidar radicalmente com as condições de reprodução da população negra, aspecto vital secundarizado na independência, na Proclamação da República, na Revolução de 30 e em outros momentos capitais de nossa história política.

Sob essa ótica, para gáudio seu, vejo um encontro entre brancos e negros aparecer na fala de Rodrigo Baggio sobre a atuação do Comitê de Democratização na Favela; aparecer na fala de Vera Cordeiro sobre as famílias que não têm condição de cuidar das crianças após a sua alta hospitalar; aparecer na fala de Joaquim Melo sobre o impacto de conviver com pessoas do lixão e sua preocupação em combater a especulação imobiliária fazendo o dinheiro produzido na comunidade circular mais no seu mercado interno; aparecer na fala de Eugênio Scannavino sobre os ribeirinhos que atende; aparecer na fala de Nogueira sobre a importância de não concorrer, mas estimular quem se apropria de sua ideia no interior do Ceará; e aparecer na fala de Giovanini sobre o tráfico de animais, capturados filhotes, imagino, por mãos negras antes de entrar num circuito muito mais branco.

Onipresentes – embora às vezes de modo mais latente que patente – como parte de problemas que pedem empreendimento social, mas não como empreendedores sociais em *Quem Se Importa*, os negros nos fazem, contudo, lembrar que a história (e sua espacialização, a tentar seguir Milton Santos) conta, pesa, filtra, especifica, materializa o que nos cabe administrar, cuidar e empreender socialmente, em termos que implicarão a maior ou menor radicalidade do empreendimento social.

Ficha técnica:

Quem Se Importa, 93', 2012. Direção: Mara Mourão. Narração: Rodrigo Santoro. Produção: MAMO Filmes e GRIFA FILMES. Participação: Muhammad Yunus, Bill Drayton, Premal Shah, Karen Tse, Wellington Nogueira, Bart Weetjens, Rodrigo Baggio, Vera Cordeiro, Eugênio Scannavino, Mary gordon, Joaquim Melo, Dener Giovanini, Al Etmanski, Jehane Noujaim, Joaquín Leguía, Isaac Durojaye, John Mighton, Oscar Rivas.